

O povo que expressou o seu apoio aos partidos da Aliança Democrática nas últimas eleições tem o direito a uma explicação.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Arbage) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Joaquim Francisco.

O SR. JOAQUIM FRANCISCO (PFL — PE) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes:

A Cultura Brasileira, muito rica em seus aspectos regionais e locais, corre o sério risco de se tornar homogênea, como um imenso coquetel de frutas que não tem o sabor de nenhum de seus componentes originais.

Pior ainda, o sabor maior deste imenso coquetel provavelmente terminará sendo o alienígena que, por ser de fora, estrangeiro, é absorvido sem o menor senso crítico pela população, por não lhe serem dadas outras opções pelos meios de comunicação que alimentam o ambiente cultural nacional.

Cumpra ressaltar que não estamos em campanha contra os meios de comunicação. Estamos, sim, a favor da Cultura Brasileira no seu aspecto mais amplo, multicolor, multifacetado e riquíssimo em experiências regionais e locais, cultura esta que em breves anos comemorará meio milênio de existência.

Os meios de comunicação modernos são de valor extraordinário. Hoje, um habitante de qualquer pequena vila do Alto Amazonas, do interior do Nordeste, do Planalto Central ou dos pampas gaúchos pode ligar, pelo sistema de discagem direta à distância, para qualquer outro telefone no Brasil ou em qualquer outro país no Universo que tenha um sistema telefônico.

Em seguida, este mesmo cidadão pode ligar sua televisão e obter acesso a vários canais, captando programas de notícias nacionais e internacionais, de cultura, de debates políticos, filmes nacionais e estrangeiros, enfim, quase tudo que ele poderia desejar para manter-se informado e entretido, apesar do isolamento em que vive.

Mais ainda, ao sair de casa, este mesmo brasileiro do interior pode dirigir-se à mais próxima banca de jornais e nela encontrar livros, jornais e revistas, desde aquelas do mais alto nível cultural até os de literatura de quadrinhos para crianças e um outro sem número de publicações de todo tipo.

Tudo isso é algo que não era nem sonhado pelos brasileiros 20 ou 30 anos atrás.

Na verdade, fomos invadidos pela tecnologia da comunicação moderna, que aos poucos se espalhou por todo o País, até às suas plagas mais longínquas. No entanto, esta tecnologia deveria ter sido importada não apenas com seus manuais de operação, mas, análogo ao que ocorre com os remédios ultramodernos importados da farmacopéia internacional, deveria trazer consigo uma bula informando ao incauto usuário não apenas como utilizá-la, mas também alertando-o para seus efeitos colaterais.

E os efeitos colaterais dos meios de comunicação têm sido devastadores para a cultura nacional, nas áreas da música, da literatura, das artes plásticas, no vestário e de todo o comportamento humano em geral.

Este impacto ocorreu de início apenas nas grandes áreas urbanas, que primeiro adotaram

os modismos estrangeiros copiados dos filmes de Hollywood e dos programas de televisão "enlatados" no exterior. Eventualmente, dentro de um processo de imperialismo interno, a tecnologia e os modismos estrangeiros foram absorvidos e "abrasileirados" no eixo Rio — São Paulo, e impostos à Nação pelos meios de comunicação controlados pelos interesses desta região que economicamente domina e coloniza o resto do País.

Hoje, os filhos daquele mesmo cidadão do Alto Amazonas, Nordeste, Planalto Central e dos Pampas Gaúchos têm algo em comum: todos querem vestir as mesmas roupas, andar nas mesmas motocicletas, e frequentar festas de embalo regadas à música rock, sexo e drogas.

Sem dúvida que os meios de comunicação ajudaram a criar um mercado consumidor. No entanto, este mesmo mercado foi criado pela importação ingênua e desprevenida do que havia de mais apodrecido na cultura estrangeira (tanto americana quanto europeia). Importamos o lixo estrangeiro e o deglutimos, como se o mesmo fosse o manjar dos deuses. Este lixo afetou não apenas a jovem geração.

A mulher deste mesmo cidadão interiorano, influenciado pelos anúncios, e especialmente pelo **marketing** embutido nas novelas de televisão, passou a desprezar o seu meio ambiente. Começou a exigir um padrão de moradia europeu e americano, em pleno trópico ou zona equatorial, pondo de lado os padrões desenvolvidos e adaptados ao nosso meio ambiente durante os últimos cinco séculos. Tornou-se importadora dos centros industrializados de horrendas decorações em plástico, de quadros impressos e outras sandices, pondo de lado as próprias artes locais, o artesanato, as rendas, os bordados, as pinturas e estatuárias ingênuas e primitivas, tão apreciadas lá fora onde o trabalho e esforço humano ainda têm valor.

Pior ainda é que os padrões de comportamento familiar, como apresentados pelos meios de comunicação, que na verdade são padrões prostituídos, são colocados como "ótimos" para toda a família brasileira. Não é de admirar que o tecido da sociedade e da família nacional começa a apodrecer e a se esfacelar.

O próprio cidadão, aquele a quem tomamos como exemplo típico, ele mesmo foi também influenciado pelos meios de comunicação. E não poderia ser diferente. Hoje é extremamente comum encontramos em pequenas cidades e vilas, tanto na costa quanto no interior do Brasil, centro de televisão, financiados pela comunidade local, onde toda a população se congrega, à partir das 18 horas, para ver os programas no aparelho de televisão como padrão "ótimo" de vida e de comportamento, torna-se a meta à qual toda a comunidade aspira.

Mais influente ainda, nas regiões até agora não penetradas pela televisão, como o interior amazônico, as áreas mais distantes do sertão central, é a presença do rádio. Através do rádio o homem interiorano ouve as notícias nacionais e internacionais; escuta na **Voz do Brasil**; aprende lições de higiene e conceitos de saúde e, ainda, obtém informação de como tomar sua própria vida mais amena nesses lugares tão longínquos da civilização.

Sem dúvida que esses são instrumentos extraordinários, com grande capacidade tanto de fazer o bem como de fazer o mal.

Este, obviamente, não é um problema unicamente brasileiro. As áreas fronteiriças com o Brasil — da Venezuela, Colômbia, Bolívia, Paraguai, Uruguai e até a Argentina — onde nossos meios de comunicação têm penetração, sentem essa influência brasileira ao ponto de que, nesses países limítrofes já se fala do "imperialismo cultural brasileiro". E não apenas aqui na América Latina se faz sentir a pujança da comunicação brasileira. Em Portugal, recentemente, um escritor português disse que os programas de televisão brasileiros importados nos últimos dez anos fizeram mais estrago na língua castiça portuguesa, do que 300 anos de influência britânica, desde o Tratado e Methuen, de 1703.

Em outros países do mundo a mesma reação se observa em relação ao imperialismo cultural maior, que é o norte-americano. Na França, Espanha, Itália e vários outros países europeus, leis foram passadas contra a penetração da língua inglesa, da música **rock** e de outros tipos de modismos anglo-saxônicos.

Se a França, Espanha e Itália, com suas culturas pujantes e milenarmente estabelecidas, consideram necessário criar leis em defesa das mesmas, o Brasil sem dúvida alguma precisa tomar medidas semelhantes em defesa da sua cultura.

O problema brasileiro é, na verdade, duplo: em nível internacional, precisa defender seu patrimônio cultural das incursões estrangeiras; em nível interno, é necessário que medidas sejam tomadas para que o imperialismo e colonialismo exercido pelas regiões economicamente mais poderosas não venham destruir as culturas regionais e locais do nosso País.

Cumpra que façamos aqui um alerta geral e altissonante, que ressoe nas escolas, organizações de classe, nas universidades e nos próprios meios de comunicação; é necessário defender a cultura nacional. É necessário que na Constituinte debatamos os meios, os instrumentos, as armas a serem utilizadas nessa luta contra não apenas a influência estrangeira, mas também contra a homogeneização da cultura nacional, para que a mesma se mantenha pujante em seus aspectos múltiplos e multifacetados.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Arbage) — Concedo a palavra ao nobre Constituinte Giovanni Masini.

O SR. JOVANNI MASINI (PMDB — PR) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes:

No próximo dia 27 de abril, segunda-feira, o povo da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná — a quem tenho a honra de representar nesta Casa — estará comemorando os oitenta anos de fundação do jornal **Diário dos Campos**, um dos 10 jornais mais antigos do Brasil ainda em funcionamento.

A data é, para todos nós, ponta-grossenses e paranaenses por origem ou adoção, muito significativa. Pois traduz a longevidade que só o prestígio advindo de uma tradição de bem informar pode conseguir. Nascido a 27 de abril de 1907, com o título de **O Progresso**, através das mãos empreendedoras do valoroso cidadão Jacob Holzmänn, nosso querido **Diário dos Campos** hoje